DESAFIOS ENFRENTADOS POR DOCENTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL COM CRIANÇAS AUTISTAS NAS ESCOLAS PÚBLICAS MUNICIPAIS DE AGRESTINA-PE

Leticia Lays Silva Dionisio ¹
Ana Maria Tavares Duarte²

RESUMO

O presente trabalho intitulado como “Desafios enfrentados por docentes na educação infantil com crianças autistas nas escolas públicas municipais de Agrestina-PE”, tendo como problemática: Quais desafios são encontrados por professores na alfabetização de crianças com TEA, no município de Agrestina? O objetivo foi apresentar um estudo sobre os principais desafios enfrentados por professores para a alfabetização de crianças com TEA, e observar quais recursos metodológicos são utilizados para a inclusão e a aprendizagem desses alunos. Compreendemos que a identificação dos impasses para efetivação da alfabetização/aprendizagem é importante, por isso utilizamos da metodologia de pesquisa qualitativa (Minayo 1995) e de campo segundo (GIL 2008), sendo efetuada por meio da observação e da entrevista semi estruturada, em uma das instituições de educação infantil do município de Agrestina, tendo como sujeitos 3 professores e 2 profissionais de apoio que atuam em uma escola da rede municipal de ensino infantil. Por fim, esse trabalho foi fundamentado na cartilha do Ministério da Educação - Saberes e práticas da inclusão (2003), Cunha (2012), Mantoan (2003). A partir das informações coletadas, concluímos que o principal desafio para alfabetizar está na dificuldade de criar estratégias de ensino para a alfabetização desses alunos autistas, refletindo assim em um déficit escolar dos alunos com TEA.

Palavras chave: Alfabetização, Transtorno do Espectro Autista, professores da educação infantil.

INTRODUÇÃO

Observando o atual cenário escolar, e ao decorrer da minha trajetória na graduação, em específico durante experiências nos campus de estágios na educação infantil, tive contato com algumas crianças autistas. Nessa escola tinha entre 1 ou 2 crianças autistas por sala, e através de conversas com profissionais docentes daquela instituição, pude observar os principais desafios para alfabetizar esses alunos com TEA, surgiu então o interesse de aprofundar o meu estudo sobre esse assunto e dar mais visibilidade a esse tema tão

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco - CAA.

Email: leticia.lays@ufpe.br

² Prof^a Dr.^a na Universidade Federal de Pernambuco - CAA. E-mail: anamaria.duarte@ufpe.br

importante para a sociedade. Dessa forma, busquei identificar os desafios que os professores encontram e quais são as estratégias de alfabetização dessas crianças autistas, trazendo como problemática "Os Desafios de docentes para alfabetização de crianças com TEA nas escolas municipais de Agrestina."

De início, podemos destacar um contexto histórico do autismo no Brasil, como e quando começou o processo de inclusão dessas crianças no âmbito escolar brasileiro, de acordo com o site PUC/SP:

Neste escrito, falaremos da inclusão de pessoas com autismo que, desde 27 de Dezembro de 2012, segundo a LEI Nº 12.764*, estão inseridas no campo das pessoas com deficiências, colocadas nas mesmas diretrizes de funcionamento nas políticas públicas, o que inclui o processo de escolarização. No Brasil, este processo iniciou-se com a Constituição de 1988 e foi reafirmado com a "Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais", realizada em Salamanca, em 1994. Desde então, o tema da Inclusão foi incorporado pelo Ministério da Educação e pela Secretaria de Educação Especial (PUC-SP).

Porém, essa inserção no âmbito escolar não garante ao aluno, uma efetiva aprendizagem, diante das diversas dificuldades encontradas por professores no ensino desse alunos, que vai se uma simples participação nas aulas, até a elaboração de atividades apropriadas aos alunos com TEA, onde muitas vezes faltasse profissionalização e conhecimento ao professor, que acaba não sabendo contornar a situação, dificultando ainda mais a aprendizagem desses alunos.

No que tange a relevância acadêmica, a alfabetização é um processo importante para a educação básica em geral, e esse processo vai além do aprender a ler e escrever, é incluir, adaptar, substituir a fim de chegar a uma efetiva alfabetização. E quando falamos em crianças autistas, essa alfabetização e inclusão se torna mais relevante, pois requer mais atenção e dedicação, onde o profissional docente deve conhecer as características e peculiaridades de cada pessoa autista, " Segundo Mesibov, esse professor deve compreender seu aluno, localizar seus pontos fortes, identificar seus déficits e encontrar os meios facilitadores para ajudá-lo no processo de adaptação e aprendizado. (BRASIL 2004 Pág.29)" principalmente na educação infantil, onde tudo é novo, e conciliar todas as crianças não parece fácil.

Por isso, se queremos uma educação inclusiva, onde todas crianças tenham uma alfabetização efetiva, o profissional de educação deve buscar conhecer seus alunos, e

trabalhar de forma adaptativa para cada individualidade, sem fechar os olhos para o que necessita de atenção.

Diante disso, esse trabalho busca identificar os principais desafios que dificultam o processo de alfabetização dos alunos com TEA, em específico na educação infantil, tendo como questão problema “Quais são os desafios enfrentados por docentes para alfabetização de crianças com TEA, em uma das escolas municipais de Agrestina? Para argumentar a questão problema, trago como objetivo geral compreender os desafios para alfabetização de crianças autistas na escola municipal de Agrestina-PE.

Para responder essas questões, apresentamos dois objetivos específicos que são: identificar os desafios para a alfabetização de crianças com TEA no ensino infantil do município de Agrestina, e analisar as estratégias utilizadas. O presente trabalho está subdividido em quatro sessões, dois subtópicos abordando o contexto histórico e legal do autismo e os principais desafios e estratégias apresentados no dia a dia dos professores para alfabetização de crianças com TEA, com ênfase no município de Agrestina-PE, além da introdução, metodologia do estudo e conclusão.

1. O CONTEXTO HISTÓRICO E LEGAL DO AUTISMO NO BRASIL

O autismo, ou Transtorno do Espectro Autista (TEA), é um transtorno neurológico e de desenvolvimento, que se caracteriza pela dificuldade na comunicação, que afeta as relações sociais, além de padrões de comportamentos e gostos específicos, limitando seu modo de pensar, criar, e aprender. “Contudo, Cunha caracteriza que “[...] o autismo compreende a observação de um conjunto de comportamentos agrupados em uma tríade principal: comprometimento na comunicação, dificuldades na interação social e atividades restrito-repetitivas” (CUNHA 2012 p. 20).”

O autismo pode ser notado através da observação dos pais, professores e demais pessoas do seu convívio diante das características de comportamento, porém o diagnóstico só é definido através de profissionais de saúde como psicólogos, psiquiatras, neurologistas que utilizam nas consultas alguns testes específicos.

A partir da década de 1940, através do trabalho do psicanalista Leo Kanner o autismo se tornou um diagnóstico independente, no Brasil as iniciativas que abordam esse tema foi de certa forma tardio, porém em meados da década de 70 e 80 se intensificou as discussões, sendo criada então a Associação de Amigos do Autista (AMA)

A primeira associação de autismo do Brasil legalizada foi a Associação de Amigos do Autista (AMA), fundada em 1983 por Marisa Fúria e Ana Maria Ros de Mello é formada por clientes do médico Raymond Rosenberg, que tinham em comum a angústia de não ter informações mais aprofundadas sobre o diagnóstico e tratamento de seus filhos.

Devido a carência de investimentos e amparo aos autistas, baseado em movimentações estrangeiras sobre esse tema, os pais e familiares se engajaram por essa causa, buscando o apoio de pessoas de grande status nacional para divulgar a campanha, que tinha como objetivo informar através de comerciais a importância do diagnóstico do autismo. A partir disso, a Associação de Amigos do Autista (AMA) começou a se dissipar por diversos estados brasileiros, e com o passar dos anos falar sobre autismo ganhou mais espaço no âmbito nacional, tendo a criação de Políticas Públicas e a classificação do autismo como deficiência.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) abrange globalmente várias pessoas, porém ao decorrer dos anos, após a veiculação em comerciais de Tv refletiu no aumento do número de diagnósticos, dessa forma visando garantir uma qualidade de vida melhor para os Autistas, se tornou essencial a criação de leis a fim de garantir a inclusão e igualdade de oportunidades para todos.

Uma das principais leis sancionadas foi a Lei Berenice Piana (12.764/12), que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Este foi um marco legal relevante para garantir direitos às crianças com TEA. A legislação determina o acesso a um diagnóstico precoce, tratamento, terapias e medicamentos pelo Sistema Único de Saúde; à educação e à proteção social; ao trabalho e a serviços que propiciem a igualdade de oportunidades.

No atual cenário educacional brasileiro, houve um aumento de 50% de matrículas de crianças e adolescentes com TEA em escolas regulares, de acordo com Gomes (2021):

Os dados do Censo Escolar do Ministério da Educação, por exemplo, indicam que, em 2006, havia 2.204 alunos com esse diagnóstico inseridos em escolas regulares; em 2012, esse número aumentou para 25.624. Nesse cenário, é imprescindível avaliar os aspectos qualitativos desse acesso, pois sabemos que só a inserção desses alunos não é suficiente para que haja realmente aprendizagem significativa por parte desses educandos. (Pág.3)

A partir disso, se tornando necessário um atendimento educacional especializado e gratuito, como consta no Projeto de Lei 1874/15:

Devem ser asseguradas ainda as condições necessárias para o efetivo desenvolvimento intelectual, social e afetivo desses educandos, seja no ambiente escolar, nas instituições públicas ou nas instituições comunitárias,

confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos que atuem exclusivamente na modalidade da educação especial (Agência Câmara de Notícias).

De certa forma, para ser assegurada condições necessárias para o aluno com TEA se desenvolver no âmbito escolar e social é necessário sua inclusão, ou seja, deve ser oferecido em classes do ensino regular, a educação para todos, de forma igualitária. Consequentemente, é imprescindível a disponibilidade de um profissional do AEE (Atendimento Educacional Especializado) nas escolas, a fim de promover um suporte visando a inclusão e melhorias na aprendizagem do aluno autista, através da elaboração de estratégias pedagógicas facilitadoras no ensino. Lembrando que esse profissional auxilia crianças e adolescentes com diversas deficiências, não se restringindo apenas a pessoas autistas.

Em resumo: para os defensores da inclusão escolar é indispensável que os estabelecimentos de ensino eliminem barreiras arquitetônicas e adotem práticas de ensino adequadas às diferenças dos alunos em geral, oferecendo alternativas que contemplem a diversidade, além de recursos de ensino e equipamentos especializados que atendam a todas as necessidades educacionais dos educandos, com ou sem deficiências, mas sem discriminações (Mantoan, 2003 pág. 25).

Porém, sabemos que a efetivação da inclusão do autista e da pessoa com deficiência não se restringe apenas ao AEE, existem diversos enfrentamentos no dia a dia escolar do aluno e docente, vale discutir sobre isso, para possíveis soluções.

2. POSSÍVEIS DESAFIOS ENFRENTADOS NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS.

A inclusão escolar no Brasil é algo que vem sendo discutido há anos, e a efetivação dessa inclusão nas escolas regulares é essencial, porém nos deparamos com diversos percalços. Sabemos que a pessoa com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem algumas limitações como: dificuldade na comunicação, na interação social, e apresentam padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados, com um repertório restrito de interesses. Diante disso, compreendemos que a dificuldade no processo de inclusão e de alfabetização não se restringe às limitações dessa criança autista, mas também ao preconceito de profissionais e da família, além da falta de especialização dos docentes, e a falta de interesse do Governo na criação de políticas públicas que contemplem o autismo, refletindo no atraso na alfabetização do aluno com TEA.

Compreendemos que, o processo de inclusão escolar não é apenas incluir o aluno ou aceitar sua matrícula na escola, “Cunha (2012) completa que também é necessário que façamos um bom trabalho enquanto profissionais para que possamos atender/receber o nosso educando da maneira mais eficaz possível.” Vale ressaltar que uma alfabetização inclusiva é aquela que não se fundamenta apenas na escrita e leitura, mas que elimina todas as formas de exclusão, dessa forma é necessário para o dia a dia das crianças autistas adaptações e métodos pedagógicos eficazes, porém o que notamos são professores frustrados com sentimento de incapacidade, frente às limitações do aluno. Como afirma Mantoan (2003):

Os professores do ensino regular consideram-se incompetentes para lidar com as diferenças nas salas de aula, especialmente atender os alunos com deficiência, pois seus colegas especializados sempre se distinguiram por realizar unicamente esse atendimento e exageram essa capacidade de fazê-lo aos olhos de todos (pág. 14)

Sabemos que nem todos professores conseguem ter uma boa desenvoltura frente às limitações de uma criança com TEA, porém é através da busca por conhecimento que encontramos meios para vencer esses desafios, pois o profissional sem conhecimento reflete na incapacidade em criar adaptações e elaboração do material pedagógico necessário para o ensino dessas crianças autistas, o que pode dificultar o aprendizado desse aluno.

Uma das formas de incluir o aluno autista, é identificar suas especificidades, através de uma avaliação do PEP-R (ou Perfil Psicoeducacional Revisado) desenvolvido pelo Centro TEACCH, que deve ser aplicada por um professor especializado,

As atividades do PEP-R foram especialmente desenvolvidas para crianças com autismo Ele se baseia em um sistema de comunicação essencialmente visual, para que a dificuldade de compreensão do aluno não comprometa os resultados do teste. O PEP-R avalia o nível de desenvolvimento em 7 áreas de desenvolvimento: imitação, performance cognitiva, cognitiva verbal, coordenação olho-mão, coordenação motora grossa, coordenação motora fina e percepção. O PEP-R também fornece o coeficiente de desenvolvimento geral e uma avaliação dos problemas de comportamento. (Ministério da Educação, pág.25).

Através das atividades do PEP-R, o professor consegue analisar a performance de cada aluno com TEA, e a partir disso, elaborar de forma mais assertiva as atividades pedagógicas para esse aluno. Porém não só a falta de especialização do professor, existem diversos problemas no dia a dia escolar, a criança com autismo têm a falta de interação social desse aluno, acrescentado da dificuldade de concentração e atenção. Os seus

interesses são bem restritos dificultando o engajamento com atividades que não estejam relacionadas aos seus gostos.

Dessa forma, notamos uma correlação, como um ciclo, onde a falta de especialização do professor e as especificidades do autismo se relacionam, pois um professor preparado e atualizado, saberá se adaptar a tudo que é novo, pois ensinar é criar visibilidade para o desenvolvimento da aprendizagem em todos os alunos.

3. ESTRATÉGIAS DE ENSINO E METODOLOGIAS PARA ALFABETIZAÇÃO.

Sabemos que o processo de alfabetização não é fácil para nenhum aluno e tampouco para os autistas que apresentam diversos aspectos, dessa forma, o professor como mediador deve saber sobre a necessidade de estratégias pedagógicas para ensiná-los. O profissional da educação deve ter uma formação e um pensamento flexível, possibilitando novas criações nos planos de aulas, trabalhando de forma coletiva, sem separar o autista das demais crianças, trazendo possibilidades para que o aluno firme sua atenção na aula e melhore sua comunicação com os outros, como Cunha (2012) afirma:

É importante que o professor explique quantas vezes for necessário para o aluno compreender a atividade proposta, bem como estimular a capacidade de concentração durante as tarefas, pois o que impede o aprendizado do aluno com autismo é o déficit de atenção à fala do outro, em razão das dificuldades de comunicação e não a existência de algum problema cognitivo (CUNHA, 2012).

Observamos que nenhuma criança com TEA são iguais, pois cada uma tem suas singularidades, ou seja, nenhuma criança autista vai ser igual a outra autista, existem diversos níveis, e cada um deles traz especificidades diferentes, como: no comportamento, na comunicação e na interação social, por isso que aprendem de forma mais avançada ou não, demonstrando um desenvolvimento de forma individual com o aprender. Inicialmente, esse contato do aluno com o TEA com a escola, traz como objetivo principal trabalhar sua comunicação, relação social e principalmente sua autonomia, pois é a partir disso que as demais aprendizagens serão desenvolvidas.

Diante disso, é relevante estratégias de ensino compostas por atividades pedagógicas que utilizem o trabalho em grupo, a dinâmica e participação dos alunos na sala de aula, incluindo a criança com TEA, através de jogos, brincadeiras em grupo, trazendo o conteúdo de forma mais atrativa a fim de buscar a atenção do aluno autista e melhorando sua comunicação com as demais crianças. A participação dos AEEs e das salas de apoio é

importante, desde que o ensino ao aluno autista não seja restrito a isso, pois a sua participação nas salas de aula comum e o contato com demais alunos atua positivamente no seu desenvolvimento, Cunha (2012) afirma que:

Para o processo de aprendizagem ser efetivo, se faz necessário um currículo que foque em práticas pedagógicas voltadas para o aprendente, para o ser humano, e não, no déficit, nas dificuldades. Salienta, ainda, que está no aprendente a concretização da educação, a partir de estratégias que transformem essas dificuldades em vontade de aprender e construir, dando-lhe autonomia, e que estas atividades devem ter caráter terapêutico, afetivo, social e pedagógico.

Como vimos, essas práticas pedagógicas e a formulação do currículo devem ter como foco a exclusão dessas barreiras, ou seja, o professor tem que deixar de lado o olhar preconceituoso em achar que o aluno autista não tem a mesma capacidade de aprender, sem chamar atenção para às dificuldades, mas sim, os incentivando através de reforçadores positivos e elogios quando ele conseguir efetuar uma tarefa.

Além disso, é importante que existam atividades que utilizem rotina e tempo, pois dessa forma, o aluno com TEA irá compreender que tudo exige um tempo para iniciar e finalizar. É essencial que essa estratégia de rotina seja mantida pelos pais, a família tem um papel importante, Cunha (2012) ainda afirma que:

“o grande desafio para o sucesso das intervenções e do processo educativo desse público é a consonância da escola e família nessas ações de aprendizagem, ou seja, esses dois ambientes, apesar de diferentes, devem ser concordes em objetivos e práticas educativas mediadas pelo amor.”

Lembrando que, toda linguagem deve ser clara e objetiva, com menor número de palavras, que seja ensinado regras para que ele entenda, respeitando quando for sua vez e a do outro. Apesar das diversas dificuldades que surgem no dia a dia escolar, é papel do professor estar preparado para contornar qualquer situação, para não apenas incluir mas sim efetuar garantir a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno com TEA.

4. METODOLOGIA

Esse presente trabalho, tem como objetivo de pesquisa, identificar os desafios enfrentados por docentes na alfabetização de crianças com TEA no município de Agrestina, e analisar as estratégias utilizadas. Será utilizado como recurso metodológico, a abordagem qualitativa, pois levou em consideração a história, as experiências e vivências dos autores de forma mais aprofundada, segundo Minayo (2009) “O método qualitativo de pesquisa é aqui entendido como aquele que se ocupa do nível subjetivo e relacional da realidade social e é

tratado por meio da história, do universo, dos significados, dos motivos, das crenças, dos valores e das atitudes dos atores sociais.” (Pág. 21). Além disso, é na abordagem qualitativa que o entrevistador consegue analisar diversas e diferentes opiniões sobre o tema a ser estudado, a exemplo a educação inclusiva. Como cita (FRAZER 2004):

Na abordagem qualitativa, entretanto, o que se pretende, além de conhecer as opiniões das pessoas sobre determinado tema, é entender as motivações, os significados e os valores que sustentam as opiniões e as visões de mundo. Em outras palavras é dar voz ao outro e compreender de que perspectiva ele fala.(pág. 146)

Na busca por respostas para contribuir com o estudo, utilizamos o método de estudo de campo, que segundo GIL (2008) procura o aprofundamento de uma realidade específica. “ É basicamente realizada por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar as explicações e interpretações do ocorrido naquela realidade.” ou seja:

O estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. (GIL 2002 Pág. 53)

Nesse contexto, entende -se que a abordagem qualitativa e o estudo de campo se complementam, através disso o pesquisador concentra-se em compreender de forma mais profunda a temática abordada, tendo uma relação maior com o grupo estudado, através do estudo de campo, ampliando a capacidade de compreensão e discussão. Ademais, contribui-se a isso a entrevista semiestruturada que, segundo Minayo e Costa:

Entrevista semiestruturada, que combina um roteiro com questões previamente formuladas e outras abertas, permitindo ao entrevistador um controle maior sobre o que pretende saber sobre o campo e, ao mesmo tempo, dar espaço a uma reflexão livre e espontânea do entrevistado sobre os tópicos assinalados (2018 p.142)

Juntamente a isso, foi utilizada a observação participante, onde facilita a compreensão de diversos fenômenos do dia a dia que talvez não seria capaz apenas pela entrevista, ou seja, a observação atua como complemento da entrevista, sendo forma de filtragem para escolha de questões relevantes para pesquisa, como Minayo e Costa afirma:

O investigador que faz observação participante está mais livre de preconceitos. Na medida em que convive com determinado grupo, a ele é possibilitado poder corrigir seus instrumentos de pesquisa retirando questões irrelevantes e adicionando outras mais importantes do ponto de vista dos interlocutores (2018 p. 147).

A pesquisa foi realizada na cidade de Agrestina-Pe, em uma das escolas do município localizada na Avenida Dr. Genival de Vasconcelos, no Bairro Ipiranga. A instituição tem em média 280 crianças matriculadas sendo 35 com autismo na faixa etária de 3 á 5 anos, nessa instituição notamos a presença de profissionais formados para educação inclusiva, assim como os ATs (Acompanhante Terapêutico) e a psicopedagoga que atua na escola. Além da observação participante, foram entrevistados com 3 professores e 2 profissional de apoio, para melhor compreensão, segue abaixo um quadro com o tempo de atuação e a formação de cada entrevistado:

Quadro com informações sobre os profissionais participantes da entrevista:

Profissional:	Formação inicial e atual:	Tempo de atuação:
Professor 1	Magistério	32 anos de ensino no Fundamental I e Educação Infantil
Professor 2	Formação inicial em Pedagogia, pós Psicopedagogia clínica e institucional	16 anos de ensino
Professor 3	Formação inicial em Pedagogia, pós graduação em Gestão educacional	16 anos de ensino
Profissional de apoio	Ensino médio completo e curso de AT (Acompanhante Terapêutico)	4 anos
Profissional de apoio	Ensino médio completo e curso de AT (Acompanhante Terapêutico) e Aplicador ABA.	1 ano

Fonte: autoria própria (2025)

5. ANÁLISE DE DADOS

Nesta seção serão apresentados os dados obtidos, através da observação consegui registrar descrições, características da turma e como é a relação professor/aluno, além da relação dos demais alunos com a criança atípica, além de analisar a conduta de cada profissional e sua atuação antes mesmo de realizar a entrevista semiestruturada, que foi

composta de 7 perguntas abertas e específicas ao tema pesquisado, além de 6 perguntas básicas como idade, formação inicial e continuada, tempo de atuação, religião, área de atuação, e quantos alunos com TEA tem em sua sala de aula. Em seguida, as demais perguntas foram se aprofundando no tema desta pesquisa, com objetivo de identificar os principais desafios no ensino de alunos autistas. Podemos nomear os entrevistados como P1, P2, P3, P4 e P5, nas falas de todos em geral, nota-se um breve entendimento sobre o que é o autismo, até mesmo na fala do entrevistado P1 que não tem formação específica, mas tem ou já teve convivência com uma criança autista.

Ademais, a partir da primeira pergunta notamos que todos os entrevistados tiveram ou têm contato com o aluno autista, contribuindo assim para continuidade da entrevista. Quando cogitamos sobre como é esses alunos autistas são recepcionados na sala de aula, notamos nas falas do P4, P3 e P5 um maior preparo para a inclusão desses alunos, devido a influência da formação de AT que contribui a isso. Nas falas do P1 e P3, notamos uma certa dificuldade, relatando necessitar de apoio, pois não consegue dar conta de todos os alunos. Diante disso, a partir da terceira pergunta, como ocorre as atividades elaboradas a esses alunos atípicos, nas falas de P1 e P3, foi relatado que as atividades são iguais para todos, sofrendo algumas adaptações para os alunos autistas. Já nas falas dos demais, notamos que é elaborado atividades de acordo com as especificidades que o autismo traz.

Portanto “O processo de alfabetização, o ensinar a ler e escrever, para criança autista é difícil assim como qualquer outra criança que esteja aprendendo, porém é gratificante e necessário”, é notório nas falas de todos os entrevistados, porém destaca-se as falas de P4 e P5 onde relatam com maior desenvoltura sobre as estratégias e intervenções específicas elaboradas para facilitar o aprendizado dos alunos autistas. Retomando o que já foi citado anteriormente, todos os entrevistados têm em sua sala de aula crianças autistas. Na fala do P1 “Ensino a 32 anos na educação infantil e ensino fundamental, e atualmente tenho 2 alunos autistas, porém 1 ainda está em investigação para elaboração do laudo, e meu maior desafio é a comunicação e a dificuldade deles se concentrarem na aula, tudo isso interfere se ele vai aprender ou não”.

A quarta questão da entrevista foi sobre os principais desafios presentes, e assim como P1, P2 e os demais relataram as principais dificuldades como: a dificuldade em interagir com as pessoas, a comunicação ou seja dificuldade em dialogar verbalmente e até mesmo o interesse restrito (Hiperfoco) da maioria dos alunos com TEA.

Dessa forma, partimos para a quinta questão, sobre quais são as estratégias elaboradas para lidar com essas dificuldades? As atividades são adaptadas ou criadas de acordo com cada especificidade do alunado? De acordo com a fala do entrevistado P1, por falta de tempo e com a grande demanda dos alunos, ela elabora uma atividade para todos, porém adapta para a criança autista, já nas falas do P2, P4 e P5, notamos que é realizado uma análise prévia do que o aluno autista tem dificuldade, para assim ser elaborado um material específico para eles.

Por outro lado, vale ressaltar a fala do P2 onde ressalta a importância não só das atividades específicas, mas que não seja de forma isolada, “os alunos aprendem com os demais alunos, não acho justo limitar a criança autista a apenas uma atividade individual, sendo que podemos trabalhar em conjunto, e em grupo, para melhorar essa questão da interação social”. Adiante, na sexta pergunta pedi para que todos descrevesse melhor as atividades mais utilizadas para alfabetizar a criança com autismo, e quais melhores estratégias, P2 relatou: “Utilizo os sons das letras e as imagens para trabalhar o visual com eles, ensinando a reconhecer os sons das palavras e a relação entre sons e letras.” Já os professores P4 e P5 relatam que utilizam uma linguagem clara e objetiva, elaboram atividades curtas que envolvam a ludicidade, como os jogos, baseados nos interesses dos alunos, já que alguns tem hiperfoco em algum brinquedo ou brincadeira.

Diante das falas dos professores, foi observado que não existe um padrão de atividades para todos os professores aplicarem, cada professor trabalha de uma forma, e alguns de formas parecidas no caso dos ATs (Acompanhante terapêutico).

Por fim, na sétima pergunta, foi indagado como ocorre o processo de avaliação desses alunos, qual o formato de avaliação que é utilizado? Pois sabemos que o processo de avaliação não ocorre através de testes e provas, mas no decorrer do ano letivo, se no dia a dia das aulas o aluno se desenvolve bem. Por consequência disso, destacamos as falas de P2: “Consigo avaliar o aluno autista, não só por meio de atividades ou provas, mas no decorrer da aula, no dia a dia, pois a cada atividade, jogo, ou brincadeiras conseguimos observar a desenvoltura do aluno, notando que o que antes parecia ser difícil para ele fazer, se tornou fácil com o tempo.” Nas falas de P4 e P5, observamos que a avaliação se dá através de atingir bons resultados diante das atividades e testes que buscam melhorar a interação social desse aluno, além de desenvolver a comunicação verbal que antes poderia ser impossível, e tudo isso pode ser analisado durante o decorrer das aulas.

Em vista disso, concluímos que, a maioria dos entrevistados conseguem atingir uma boa desenvoltura para trabalhar com as crianças com TEA. O que diferencia são as formas de se trabalhar, o método utilizado, alguns com mais conhecimento e outros com mais experiências, pois não é seguido um padrão em todas as salas de aula, confirmando o conceito de que, quanto mais conhecemos o que vamos trabalhar com mais eficácia atuamos, firmando ainda mais a importância da formação continuada.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que toda criança deve ser incluída no âmbito escolar, e deve ser garantido o acesso à educação e sua permanência nela, diante disso esse presente trabalho teve como objetivo identificar os principais desafios para a alfabetização de crianças autistas no município de Agrestina, e analisar quais estratégias são utilizadas para sua efetivação.

Para chegar ao resultado dessa pesquisa foi realizada a observação e a entrevista semiestruturada composta com 13 perguntas objetivas e subjetivas, que foram aplicadas em 5 profissionais da educação que atua em uma das escolas do município, assim concluímos que: através dos relatos de professores e profissionais de apoio, vimos que na escola estudada contém professores aptos para trabalhar com educação inclusiva e para alfabetizar esses alunos, porém o que notamos são divergências na forma de ensino que cada profissional traz, dessa forma podemos sugerir que a gestão atue de forma assertiva, elaborando uma articulação de planejamento e estratégias comuns e eficazes para garantir a inclusão, a aprendizagem e o desenvolvimento de todo aluno com TEA.

É notório que em todos os relatos dos entrevistados conseguimos identificar os principais desafios para ensinar crianças autistas como: a dificuldade na interação social, a não comunicação verbal e a falta de concentração nas aulas, essas são características básicas de todo aluno com TEA. Consequentemente, se torna essencial que haja um incentivo da parte do governo para a formação continuada do professor, pois através do conhecimento que se consegue atingir com êxito a inclusão e a aprendizagem, isso é papel do governo e do professor, de buscar outras alternativas para garantir uma educação equitativa.

Diante deste estudo, surgiram outros questionamentos: como atuariam os professores regulares sem o auxílio do Profissional de Apoio? Como é essa relação entre o professor do ensino regular e aquele profissional formado para educação inclusiva? Porque a escola não incentiva a família a participar das atividades escolares?

REFERÊNCIAS

AUTISMO NO BRASIL - Da Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Autism_in_Brazil acessado em: janeiro de 2025.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Secretaria de educação Especial - **Saberes e práticas da inclusão** (2004).

CÂMARA DE DEPUTADOS - AGÊNCIA DA CÂMARA DE NOTÍCIAS disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/1014508-camara-aprova-projeto-que-obriga-escolas-a-oferecer-atendimento-especializado-a-estudantes-com-autismo/#:~:text=A%20C%C3%A2mara%20dos%20Deputados%20aprovou,na%20escola%20p%C3%BAblica%20ou%20privada>, acessado em dezembro 2024.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família.** 4. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

FRAZER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G. **Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa.** Paidéia, v. 14, n. 28, p. 139 -152, 2004.

Gil, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos Gil.** - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002

GOMES, SILVA E MOURA - A importância da família para o sujeito portador de autismo, a educação e a formação docente, Revista Educação Pública, p.01-03, 2021.

Márcia Tourinho Dantas Fraser e Sônia Maria Guedes Gondim - DA FALA DO OUTRO AO TEXTO NEGOCIADO: DISCUSSÕES SOBRE A ENTREVISTA NA PESQUISA QUALITATIVA, 2004.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér; **INCLUSÃO ESCOLAR** O que é? Por quê? Como fazer? 2 ed. São Paulo: Moderna, 2003.

MINAYO, M. C. de S.; COSTA, A. P. **Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa.** Revista Lusófona de Educação, v. 40, p. 141-147, 2018.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, p. 29, 2009.

Uma experiência na inclusão escolar de pessoas com autismo - PUC/SP disponível em: <https://www.pucsp.br/linguagem-e-subjetividade/coluna-uma-experiencia-na-inclusao-escolar-de-pessoas-com-autismo> acessado em: dezembro de 2024.

APÊNDICES:

1. Defina autismo (no seu ponto de vista):

P1: *São alunos com necessidades específicas, alguns não falam, outros tem um comportamento agressivo.*

P2: *O autismo ou TEA é um transtorno que afeta principalmente a convivência social desse aluno a depender do nível desse autismo. Por outro lado, alguns têm uma capacidade muito grande para compreender matemática por exemplo.*

P3: *No meu ponto de vista, o autismo não é considerado uma doença, são algumas características que o diferencia dos outros alunos, mas se trabalharmos bem conseguimos melhorar.*

P4: *O autismo é um espectro, que pode se manifestar de forma diferentes, enquanto alguns sentem dificuldade em conversar, outros tem habilidades em assuntos mais difíceis, como matemática e memória.*

P5: *O transtorno do espectro autista é uma condição que afeta como esse indivíduo se relaciona, dificultando sua comunicação e etc, porém não devemos nos limitar a ver apenas suas limitações, mas sim valorizar suas qualidades.*

2. Como você recebe/recepção o aluno autista em sua sala de aula?

P1: *Recebo a criança como qualquer outro aluno, porém as vezes me sinto sobrecarregada para dar contas de todos os alunos.*

P2: *Normalmente a criança com TEA sente mais dificuldade em socializar, mas tento receber da melhor forma, seria ótimo ter um profissional de apoio em minha sala, nem toda sala tem.*

P3: *Tento conversar com todos, fazendo com que haja participação de alguma forma, pergunto o nome, qual a idade...*

P4: *No primeiro dia de aula sempre tem a dificuldade de se adaptar ao ambiente e novas pessoas, então tento deixá-lo confortável para brincar e se adaptar aos novos colegas...*

P5: *Nos primeiros dias não aplicamos atividades complexas, é importante conhecer o aluno, e conversar com os pais, de forma que identifique as especificidades dele.*

3. Como ocorre a elaboração de atividades, é elaborado material específico?

P1: *As atividades são iguais para todos os alunos, só faço algumas alterações para a criança autista, e dou uma atenção maior a ele.*

P2: *Elaboro as atividades juntamente com as dos demais, porém observo as necessidades do aluno autista e coloco atividades que desenvolvam suas qualidades, sem desconsiderar seus limites.*

P3: *São as mesmas elaboradas para os demais, porém se necessário faço modificações para ele entender.*

P4: *De início busco analisar o perfil da criança, suas preferências e etc, por fim as atividades que elaboro são em forma de rotina como se fosse seguindo um cronograma, além de utilizar imagens, pois as crianças com TEA são bem visuais.*

P5: *As crianças com TEA que ensino tem dificuldade na fala, então busco sempre elaborar atividades que estimulem a comunicação, a fala verbal e não verbal.*

4. Quais os principais desafios para sua efetivação ?

P1: *Ensino á 32 anos na educação infantil e ensino fundamental, e atualmente tenho 2 alunos autistas, porém 1 ainda está em investigação para elaboração do laudo, e meu maior desafio é a comunicação e a dificuldade deles se concentrarem na aula, tudo isso interfere se ele vai aprender ou não.*

P2: *A comunicação, a dificuldade em dialogar verbalmente e até mesmo o interesse restrito (Hiperfoco) da maioria dos alunos com TEA, porém vai melhorando com o tempo.*

P3: *A maior dificuldade é manter o aluno com TEA concentrado na aula.*

P4: *Uma das dificuldades é a interação social, principalmente a interação com nós professores que precisamos explicar as atividades a ele, e entender o que ele precisa.*

P5: *A dificuldade na compreensão, sendo necessário o professor ser flexível e compreensível, a fim de ensinar de formas diferentes até ele entender e aprender.*

5. Quais estratégias você utiliza para amenizar os desafios?

P1: *Por falta de tempo, as estratégias de ensino são as mesmas para todos os alunos.*

P2: *O material é elaborado de acordo com as necessidades de cada aluno com TEA.*

P3: *A única estratégia que utilizo é explicar de forma mais clara possível.*

P4: *Como já falei, as atividades são pensadas para amenizar esses desafios de fala, de interação, de comportamento, utilizando imagens e vídeos de forma explicativa.*

P5: *Nas atividades foco na melhoria da especificidade do aluno como por exemplo a fala, estimulando através de cartões de comunicação, jogos, dentre outras atividades, fazendo com que o aluno assimile o som a imagem.*

6. Como você avalia esse aluno, a fim de saber se ele aprendeu ou não?

P1: *Avalio através das atividades avaliativas ou em grupo, se ele compreender então ele aprendeu.*

P2: *Consigo avaliar o aluno autista, não só por meio de atividades ou provas, mas no decorrer da aula, no dia a dia, pois a cada atividade, jogo, ou brincadeiras conseguimos observar a desenvoltura do aluno, notando que o'que antes parecia ser difícil para ele fazer, se tornou fácil com o tempo.*

P3: *Da mesma forma que avalio os demais alunos, através de provas e atividades.*

P4: *a avaliação se dá através de atingir bons resultados diante das atividades e testes que buscam melhorar a interação social desse aluno.*

P5: *A avaliação inicial é diagnóstica além de ocorrer no decorrer das aulas, tem o objetivo de desenvolver as dificuldades como a comunicação verbal que antes poderia ser impossível.*

7. Você acha que a formação continuada e a busca por cursos contribuem para se trabalhar com alunos autistas?

P1: *Sim, a formação específica é essencial, porém como eu já estou quase me aposentando não vejo mais necessidade de buscar mais conhecimento.*

P2: *Sim, fiz pós graduação em psicopedagogia e a partir disso consegui melhorar a aprendizagem dos meus alunos.*

P3: *Infelizmente minha área de especialização não é para a educação inclusiva, é em gestão, mas vejo que poderia contribuir muito para o ensino de crianças autistas.*

P4: *Sim, mesmo não tendo formação em pedagogia, vi a necessidade das escolas do município pelos profissionais ATs, que são os acompanhantes terapêuticos, e essa formação ajuda muito no dia a dia escolar na criança autista.*

P5: *Sim, a minha formação como Acompanhante Terapêutico ajudou muito na minha atuação como profissional de apoio, ensinando a criança com TEA a lidar com certas emoções, a fazer amizades, e a ensinar comportamentos corretos mediante a momentos de raiva ou tristeza.*

LETICIA LAYS SILVA DIONISIO

DESAFIOS ENFRENTADOS POR DOCENTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL COM CRIANÇAS AUTISTAS NAS ESCOLAS PÚBLICAS MUNICIPAIS DE AGRESTINA-PE

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Coordenação do Curso de Pedagogia do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, na modalidade de artigo científico, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: 14/04/2025

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Maria Tavares Duarte (Orientadora) Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Ana Maria de Barros (Examinador Interno) Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Ma. Viviane Rauane Bezerra Silva (Examinador Interno) Universidade Federal de Pernambuco